

CUIDADO COM O CUIDADO: O CASO DA FILA DO TOQUE E A IMPLICAÇÃO DO ATO DE CUIDAR

Emerson Elias Merhy – médico sanitário (formado em 1976)

Lá pelos anos 1971, vivi uma experiência que sempre me incomodou. Imagino que muitos que participaram dela nem se lembram do ocorrido. Para mim foi muito significativa, mas não necessariamente para outro que ali estava.

Meu relato começa com a cena de uma mulher deitada na maca, em uma sala para exames ginecológicos, no HC/USP. Na sala uns 15 alunos do quarto ano de medicina e um docente de Ginecologia.

Ele manda os alunos fazerem uma fila e colocarem luvas. Todos deparam, entram em fila e ficam esperando novas ordens.

Vai um, faz um toque vaginal sob orientação do docente. Vem outro e também toca. E, aí, outro e outro e outro e e outro.

Não havia chegado ainda o fim da fila e a mulher, uma senhora negra de uns 40 anos, começa a gemer. Faz um som de gozo. Fica quietinha soluçando. Sente vergonha. Mas, goza.

Faz-se um pequeno silêncio na sala e ela fala: “sabe, todos fazendo isso, não aguentei. Não devia, mas não aguentei.”

Poucos pararam de fato para repararem naquela fala. Inclusive o docente não se tocou muito. Dá a sensação de que ou não escutou ou não deu bola. O fato é que a fala dela só fez sentido para alguns.

Fiquei muito indignado, chocado, mas com um sentimento reservado só para mim, não sabia o que fazer na hora. Problematizei só para mim mesmo. Não dirigi uma palavra para ninguém, nem para ela, simplesmente simulei uma situação, que enganou o professor, de que já havia feito o exame. Esperei o fim da aula e sai.

Sempre esta cena veio a minha mente. Sempre tive a sensação da violência cometida ou do descaso em relação ao outro. Imaginei como seria se a cena fosse com uma paciente de um consultório particular. Chegava a conclusão que isso não seria permitido. Mas, nunca entendi como que aquela paciente tinha conseguido gozar. Nunca entendi como ela permitiu tudo aquilo.

A explicação mais forte que tinha é que pessoas necessitadas, sem recursos, se submetem a qualquer coisa para poderem ter acesso a um atendimento. Fiquei com muita raiva. Considerei o professor um carrasco, os alunos uns imbecis e a paciente uma vítima.

Pensava o professor e meus colegas como sujeitos dominantes e ela como sujeito dominado. Colocava-me como alguém que não compartilhava com aquilo, mas que não entendia o que de fato tinha ocorrido, em particular pelo comportamento daquela senhora.

Como alguém goza sendo violentada? Como um dominada pode se expressar como sujeito do gozo?

Lembrei de uma imagem que me chama a atenção, sempre que olho para ela. Uma foto de uma criança, com uns 5 anos de idade, segurando com a mão esquerda uma chupeta perto da boca e com a direita segurando um cigarro aceso na boca. A foto me dá sempre a sensação de, ao mesmo tempo, estar

vendo um sujeito vitimizado e um sujeito transgressor. Alguém habitado por mais de uma alma.

Pois é, hoje, consigo pensar nisso sem dicotomias, sem muita dificuldade, porque somos, de fato, muitos tipos de sujeitos em nós. Temos muitas almas que nos habitam, que se relacionam e que, em certas situações, ocupam lugares centrais uma em relação a outra. Sinto-me assim em várias circunstâncias.

Como médico sei ver isso. Como possuidor de saberes profissionais - que me permitem me relacionar com um outro, que vem a mim exatamente por este saber, atrás da minha capacidade de exercitá-los para produzir cuidados de saúde, que ele busca por ser necessitado – sinto que também sou habitado por uma outra alma, possibilidade que aparece quando sou eu o portador da necessidade. Aí parece que a minha sabedoria em produzir cuidados se dissipa e eu peço a alguém que faça isso, para mim.

Explico. Quando passo a vivenciar uma situação em que sou o portador de uma necessidade de saúde – por exemplo, porque passei a ter um dor profunda no peito – mesmo sendo médico, saio atrás de um cuidador que dê conta do que estou precisando. Quero que algum profissional que tenha saberes tecnológicos de cuidados venha cuidar de mim. Minha alma de médico sai e dá lugar a uma outra. Viro usuário. Mas, ambas continuam me habitando, negociando entre si.

Hoje, sei ver isso. Sei ver que somos habitados por várias almas. Algumas que expressam lugares mais amplos, outras que se subordinam mais facilmente. Vivemos nos momentos relacionais com outros isso em conjunto. Tudo ao mesmo tempo. E as nossas almas conversam entre si e com as dos outros.

O que é interessante é que tanto aquela senhora, quanto o docente, quanto eu, quanto meus colegas eramos e somos assim, também. E, o mais interessante ainda é que ao estarmos habitados por todas estas possibilidades e todas elas se expressarem nos nossos agires, não somos muito preparados para sentirmos e olharmos isso nas nossas ações. Não nos vemos nestas nossas multiplicidades. Temos de fato dificuldades em nos sentirmos responsáveis por ações que nos incomodam e que olhamos com estranheza, como se não fossemos seus construtores. Não temos o hábito de olharmos para nós mesmos nos nossos atos e daí tirar reflexões sobre a implicação que estabelecemos com o nosso agir e o dos outros.

Não vemos os vários nós em nós mesmo e, muito menos, não vemos a presença dos outros em nós ou a nossa no outro. Quanto mais, tudo o que isso implica.

Naquela época não via nada disso e não entendia nada disso. Não sabia o que fazer e muito menos tirar uma boa intervenção no momento. No acontecimento ocorrendo. Não conseguia pensar algo que colocasse todos em análise do exato momento do ato. Nem a mim, nem aos meus colegas, nem ao docente. E, muito menos, nem aquele senhora.

Por toda esta elaboração que porto hoje, já com muitos anos rodado, consigo ressignificar parte do acontecido e daí tirar lições. Intrigava-me o fato de que uma mulher que estava sendo vitimada poderia ter gozado. E, por limitação minha, não entendia como ela não aprendeu que aquilo era um ato de uso, de exploração do seu corpo, que aquele acontecimento não tinha nada para ser prazeroso. Na época, não fazia sentido para mim, que ela era habitada por várias almas. Que por mais paradoxal que fosse sentia-se tanto humilhada e usada, quanto usando.

Como não conseguia pensar isso, achava que a força pedagógica do ato de humilhação era tão forte, que ela não poderia ter gozado e, ao contrário, deveria adquirir de modo, quase imediato, pelo ódio, uma consciência crítica sobre o fato.

Não entendia que para ocorrer um fato pedagógico deste porte, o da significação da cena, ela deveria resignificar a si mesmo como parte da cena. Deveria compreender o quanto a violência dos outros era também sinérgica às suas implicações. Saindo de um tipo de sujeito para outra possibilidade. Posicionando-se por dentro e não como a vítima, que se vê sempre como agredida de fora para dentro. Que de fato era como eu via a cena, e a mim nela.

Um pouco mais tarde só com um novo olhar conceitual, que comecei a usar, o da pedagogia da implicação, é que senti que poderia re-olhar para aquela cena e me aproximar daquela mulher, compreende-la um pouco mais e ao mesmo tempo imaginar intervenções que fariam sentido, naquele momento.

Imagino que o mais interessante é podermos ver na cena a implicação de todos e a possibilidade de explicitar no agir de cada um os movimentos das várias almas que se expuseram.

Do lado do docente, vale ressaltar, que por mais descuidador que fosse, não conseguindo nem olhar e escutar a paciente em suas necessidades de modo mais global, ele, de fato, não deixava de ser um possuidor de saberes que produzia cuidados e, como tal, ficava em cima de um fio de navalha, onde suas almas caminhavam. Por um lado, era cuidador; por outro, era fragmentador e

descuidava. Por um lado, subordinava, submetia; por outro, satisfazia necessidades. Era um agir em paradoxo.

O docente, enquanto um profissional de saúde, com suas ações, abria-se para que as suas várias almas aparecessem e fossem vistas. E o interessante é que isso poderia permitir que conversasse com elas, poderia refletir-se nelas. As manifestações da paciente, e dos alunos, eram oportunidades para isso. Era como se ele se projetasse através das suas ações neles. As suas ações iam até ela e eles, e voltam para ele.

Este movimento de ida e volta, chamo de efeito pororoca^{*} das ações dos profissionais em saúde, na maneira como agem através dos seus trabalhos vivos em ato, na produção do cuidado. Pororoca, pois é como um rio que se dobra sobre si ao encontrar o mar como o outro. É como o trabalho vivo em ato, possuidor das tecnologias de cuidado, faz ao se dobrar sobre o outro, o usuário portador das necessidades, e volta sobre o trabalhador revelando suas implicações. O trabalhador pode se ver, ao ver suas ações no outro.

De modo sinérgico o usuário também. E aí vem a parte que eu menos compreendia. Que a paciente estava implicada com aquele modo de cuidado e algo podia ser feito para que ela se visse também e se abrisse sobre si mesma. Esta seria a oportunidade dela ressignificar a si, aos outros e a cena. Encontrar outro sentido para a sua busca como usuária de um serviço e, talvez, tornar-se senhora de direitos e não co-participe daquele tipo de cuidado médico. Na realidade esta era a minha oportunidade de agir.

Sei que isso tudo não seria feito de modo liso. A situação a ser criada seria muito tensa. Porém, se tornarmos isso uma postura efetiva da própria prática

^{*}esta imagem tiro do estudo de Ana Lúcia Abrahão, que no seu doutorado a utilizou

pedagógica, implicada com a formação dos profissionais de saúde, não há porque existir esta mesma tensão, pois este modo de agir seria constitutivo do próprio processo de formação. Colocar a implicação em análise seria uma das lógicas da educação permanente como componente das práticas de saúde.

Hoje, penso sobre tudo aquilo e imagino grandes chances em se ensinar de modo bem distinto. Creio, até, que o novo profissional de saúde, implicado com a defesa radical da vida, individual e coletiva, será formado neste tipo de pedagogia. Tudo depende de nós e só de nós.